

## PERCEPÇÃO DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE PELOTAS SOBRE BIOSSEGURANÇA

ANTÔNIO GONÇALVES DE ANDRADE JUNIOR<sup>1</sup>; MARTHA BRAVO  
CRUZ PIÑEIRO<sup>2</sup>; DANIELE WEBER FERNANDES<sup>3</sup>; MÁRCIA DE OLIVEIRA  
NOBRE<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – antonio\_3@icloud.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – martha.pineiro@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – danielwfernandes@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Zoonoses são doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais e seres humanos em diferentes situações e ambientes. (ZANELLA, 2016). Um relatório publicado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) indicou que mais de 75% das doenças humanas emergentes do último século são de origem animal (USAID, 2009)

A prática da medicina veterinária envolve riscos físicos, químicos e biológicos, e muitos estão relacionados a zoonoses. Principalmente em hospitais e clínicas veterinárias existem muitos fatores que geram perigo ocupacional. Este risco aumenta quando não se adotam as normas de proteção, como o uso de equipamentos de proteção individual e higienização adequada das mãos (BARRA, 2018).

Por isso é de extrema importância as práticas de biossegurança, sendo um conjunto de medidas voltadas para a prevenção, controle, redução ou eliminação de riscos inerentes às atividades que possam comprometer a saúde dos seres humanos, dos animais e do meio ambiente (SILVA, 2012).

Devido à importância zoonoses e a importância do médico veterinário neste contexto, o presente estudo teve como objetivo relatar as práticas de biossegurança dos Médicos Veterinários em Pelotas, RS e divulgar sobre as práticas adequadas.

### 2. METODOLOGIA

A fim de entender e traçar um perfil dos Médicos Veterinários, atendentes em clínicas na cidade de Pelotas, em relação a biossegurança empregada, integrantes do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica de Pequenos Animais (ClinPet), vinculado à Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas desenvolveram um questionário adaptado de SILVA (2015) de autopreenchimento como instrumento de coleta de dados. O preenchimento foi voluntário e anônimo. As questões foram divididas em seções na seguinte ordem: características sócio demográficas e ocupacionais; comportamentos que influenciam o controle de infecção no ambiente de trabalho; utilização de Equipamento de Proteção Individual (EPI) em situações diversas na prática clínica e gerenciamento de resíduos. Os resultados foram tabelados e realizado as frequências das respostas. Foi desenvolvido um *folder*, sobre as práticas corretas e normas de biossegurança na clínica veterinária e esporotricose para posterior divulgação aos médicos veterinários desse estudo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 40 respostas ao questionário, sendo que 52,5% (21) eram mulheres e 47,5% (19) eram homens com um perfil de maioria jovens com idade 20-30 anos e com o tempo de atuação na área de clínica de pequenos animais variando de 1 a 5 anos.

Referente ao gerenciamento de resíduos, 100% responderam de acordo com as normas de biossegurança para a coleta especial de lixo infectante e material perfurocortante, assim como, a separação entre lixo comum e infectante. Da mesma forma, quanto aos comportamentos que influenciam o controle de infecção no ambiente de trabalho a maioria, 95%, age de acordo ao descontaminar todo equipamento utilizado em um animal com suspeita de doença infecto-contagiosa e ao higienizar as mãos entre atendimentos, 82,5%.

A maioria dos profissionais obtiveram um bom desempenho relacionado às práticas de controle de infecção, mas muitas vezes, o médico veterinário pode apresentar algumas práticas que eventualmente pode estar colocando em risco sua própria saúde (SILVA, 2015) como foi observado nesse estudo, 47,5%, não realizavam a antisepsia e higienização das mãos antes de comer, beber ou fumar no trabalho e que certamente, segundo PIMENTEL et al. (2015), é a ação mais importante para a prevenção do risco de transmissão de micro-organismos para clientes, pacientes e profissionais. Da mesma forma, 80% dos profissionais recolocam a tampa na agulha antes de descartar a seringa, que de acordo com PIMENTEL et al. (2015) essa atitude favorece à exposições percutâneas que são lesões provocadas por instrumentos perfurantes e/ou cortantes com exposição a material biológico podendo resultar em infecção por patógenos. E reutilizar seringas e/ou agulhas descartáveis, nesse estudo, 32,5% reutilizavam, mesmo sendo menor o número de profissionais, ainda sim segundo WRIGHT et al. (2008) reutilizar seringas é uma conduta que deve ser totalmente evitada para não favorecer a exposição de patógenos aos pacientes.

A utilização de EPI em situações diversas na prática clínica, como atendimento de pacientes com doenças zoonóticas, tal como na esporotricose, deve ser feito uso correto de EPI, no presente estudo o percentual baixo, 2,5% dos profissionais faziam o uso correto de EPI, tal fato pode ser reflexo de uma baixa percepção aos riscos por parte destes profissionais, por falta de conhecimento, capacitação ou treinamento (SILVA, 2015).

Dessa forma, é necessário capacitar e atualizar os médicos veterinários quanto aos cuidados de biossegurança por serem um grupo de risco a diversas doenças, o *folder* se torna um bom método de apresentar informações relevantes sobre biossegurança e assim reorientar o profissional quanto às boas práticas. Nesse sentido, a extensão desses conhecimentos, tem portanto, condições de sensibilizar quanto à importância de, aplicar as técnicas adequadas de controle de infecção.

No *folder* distribuído continham recomendações para manipulação do gato com suspeita de esporotricose, limpeza e desinfecção do ambiente, baseadas na experiência do LAPCLINDERMZOO/IPEC/Fiocruz, nas diretrizes gerais para o trabalho em contenção com agentes biológicos do Ministério da Saúde e no guia prático para a manipulação de microrganismos patogênicos e/ou recombinantes na Fiocruz, assim o *folder* abordava o uso correto de EPI, a contenção adequada do paciente, descontaminação do ambiente, equipamentos e artigos utilizados no atendimento e as boas práticas de biossegurança.

#### 4. CONCLUSÕES

Apesar do bom desempenho relacionado às práticas de controle de infecção, os Médicos Veterinários apresentaram algumas práticas que podem estar colocando em risco sua própria saúde, dessa forma é importante realizar capacitações frequentes para estes profissionais, com relação não só à biossegurança, mas também com relação às informações relacionadas às doenças zoonóticas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRA, W. C. P. **Exposição a riscos ocupacionais em discentes do curso de Medicina Veterinária, de uma instituição de ensino do Centro-oeste de Minas Gerais, durante atividades clínicas.** 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro Universitário de Formiga.

PIMENTEL, B. J.; SANTANA C. S. T.; ARAÚJO, D. C. S. **Manual de biossegurança Medicina Veterinária.** CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC, 2015.

SILVA, D. T.; MENEZES, R. C.; GREMIÃO, I. D. F. et al. 2012. Esporotricose zoonótica: procedimentos de biossegurança. **Acta Scientiae Veterinariae.** v.4, n.40, p.1067, 2012.

SILVA, D. T. **Percepções de médicos veterinários do Rio de Janeiro relacionadas à esporotricose e às boas práticas em biossegurança.** 2015. 129 f. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Rio de Janeiro, 2015.

UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT (USAID). **Emerging Pandemic Threats program.** Washington, 2009. Acessado em: 2 set. 2019. Online. Disponível em: <https://www.usaid.gov/ept2>

ZANELLA, J. R. C. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. **Pesq. agropec. bras.** Brasília, v.51, n.5, p.510-519, maio 2016.

WRIGHT, J. G., JUNG, S., HOLMAN, R. et al. Infection control practices and zoonotic disease risks among veterinarians in the United States. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, 232(12), 1863–1872, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. 2006. **Diretrizes gerais para o trabalho em contenção com agentes biológicos/** Ministério da Saúde. 2.ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 52p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Comissão Técnica de Biossegurança. 2005. **Procedimentos para a manipulação de microorganismos patogênicos e/ou recombinantes na FIOCRUZ: guia prático.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 219p.

GREMIÃO I. D. F., PEREIRA S. A., NASCIMENTO JÚNIOR, A., et al. Procedimento operacional padrão para o manejo de gatos com suspeita de esporotricose. **Clínica Veterinária**, n.65, p.68-70, 2006.